

**ACHADO ARQUEOLÓGICO:
PONTE SUBMERSA NO RIO PAIVA EM ALVARENGA**

O rio Paiva, afluente da margem esquerda do rio Douro, nasce na Serra da Lapa-Leomil, nas cercanias de Lamego e deliza, nas suas águas puras até à sua foz, em Castelo de Paiva. No extenso planalto da Lapa, se ergue a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, integrada no complexo do Colégio de Jesuítas que se manteve, na sua missão evangelizadora e educativa da região – a das “Terras do demo”, evocada por Aquilino Ribeiro e imortalizada pela voz de Zeca Afonso, em “Adeus, ó Serra da Lapa” –, até à expulsão da Companhia de Jesus, em tempos do Marquês de Pombal. A imagem da Senhora da Lapa acompanhara os primeiros missionários nas viagens marítimas dos Descobrimentos.

Desde esta sua nascente à sua foz, o rio Paiva atravessa várias localidades e, entre elas, Alvarenga, que fôra sede de concelho, abrangendo na sua circunscrição, as freguesias de Janarde e Canelas.

Em diferentes pontos do seu percurso, se construíram várias pontes. Entre elas, a mais imponente e a mais expressiva da necessidade de unir as duas margens do rio, em Alvarenga – ponto fulcral de entroncamento viário – é a que foi construída pelo Bispo de Lamego, D. Manuel de Vasconcelos Pereira, no século XVIII, em tempos de Dona Maria I, que se ergue ainda hoje, na sua perfeita funcionalidade, com o seu elegante perfil, em estreita garganta, talhada na rocha granítica.

Alvarenga, Santa Cruz de Alvarenga, de seu nome completo, pertenceu à jurisdição da Igreja de Santa Cruz de Coimbra e à Universidade. É um vale fértil, no sopé da serra do Montemuro, que foi vila, com foral concedido em 1514 por D. Manuel I – celebraram-se este ano de 2014 os seus Quinhentos anos. Com a Reforma administrativa de Fontes Pereira de Melo, o couto de Arouca ascendeu a vila e tornou-se sede de concelho, que incluiu Alvarenga.

Abrigada dos rigores do inverno pelas serranias circundantes, o que lhe confere um clima agradável, Alvarenga, atraiu desde tempos recuados a fixação de povos e sobretudo foi ponto de passagem obrigatório na circulação de pessoas e bens, nesta região do país.

Regressando muito atrás no tempo e no espaço, a rede viária romana que ligava várias cidades da Lusitânia, deixou marcas indeléveis em território ibérico. Troços curtos, ou mais extensos, afloram no roteiro *Bracara Augusta, Conimbriga, Olissipo* e suas ligações com outros roteiros que com este se

entrecruzam. É o caso da rede viária que ligava Lamego, na margem direita do rio Paiva, com os centros urbanos que se encontravam do lado esquerdo, como Coimbra, Évora, Beja, Mérida – a romana *Colonia Emerita Augusta*, capital da Lusitânia, fundada por Octávio César Augusto, que celebra, neste ano de 2014, os dois mil anos da morte do seu fundador e os 60 anos do Festival de Teatro de Mérida.

É este roteiro – que de Lamego acede ao litoral do país e à referida via romana, de *Braccara Augusta* à capital da Lusitânia – que pressupõe a ponte romana para a sua travessia, num local estratégico, como Alvarenga, na sua ligação a Lamego e às cidades das cercanias.

Há algum tempo, apesar de conhecidos já outros vestígios, é descoberta a via romana no "maciço de Fuste" que torna mais firme a hipótese desta localização da ponte romana sobre o Paiva.

Na verdade, a confirmar a existência de uma ponte romana, construída no tempo de Trajano, em Alvarenga, poderá estar o achado de vestígios arqueológicos no leito do rio, num local que dá acesso directo a esta via romana.

Na sua prática desportiva de “mergulho de apneia”, em várias regiões do país, o Dr. Hélio Mário de Castro Pereira, filho da terra, a exercer a profissão de advogado, em Portalegre, descobre no Rio Paiva, no Poço do Loredo, em frente às habitações ainda existentes de Janarde, a cerca de sete metros de profundidade, três grandes blocos de granito, ligados por vestígios de metal encastrado, talvez bronze/chumbo, que reconhece, como fundações de uma ponte.

A localização da ponte romana sobre o rio Paiva, que tem sido objecto de indagações por historiadores e arqueólogos da região, em vários locais do longo e sinuoso percurso do rio, pode ser fixada com este achado. Assim o considera o médico Celso de Castro Soares, reputado indagador da *res historica*, com quem os historiadores da região desenvolvem constantes e prolongadas conversações, e a quem devem informações preciosas sobre a existência de vestígios arqueológicos, desde a Pré-história, como as “mamoas” da região do Montemuro, a marcos históricos importantes das terras limítrofes.

Em seu entender, o facto de não haver senão metal, não corrosível, a ligar os três blocos de pedras de grandes dimensões – que se encontram a cerca de sete metros de profundidade – não coloca qualquer dúvida da antiguidade da técnica construtiva. O achado destes vestígios arqueológicos de uma ponte em Alvarenga, a ligar a margem direita do rio, no lugar de Loredo, a Janarde, na margem esquerda, e prosseguindo até ao “Maciço de Fuste”, Moldes, fica a aguardar um estudo de pormenor, *in loco*. Se os

vestígios da ponte se encontram apenas do lado de Janarde, se contarmos com o arco central, as fundações do lado do Loredó estão com toda a certeza assoreadas.

Um outro aspecto importante é não haver granito na região, sendo o local granítico mais próximo o *castro* de Alvarenga, a cerca de 7 kms —denominado, a partir dos inícios do século XX, “Monte do Senhor dos Aflitos”, com o nome do orago da ermida que nesse local foi então construída.

Tendo pertencido a freguesia de Janarde à sede de Concelho de Alvarenga, confirmar-se-ia a localização da ponte romana, a ligar as duas margens do rio da *ciuitas Alvarenga*, assim designada ainda em documento do século XI.

Nair de Nazaré Castro Soares

**PUBLICAÇÃO DE *OBRAS* DE M. H. DA ROCHA PEREIRA PELA
GULBENKIAN E PELA IUC**

Numa altura em que o país tem ainda bem fresca na memória a recente e honrosa classificação, pela UNESCO, da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial da Humanidade, importa ainda assim sublinhar que essa atribuição não ficou a dever-se apenas ao património arquitetónico preservado, reconhecidamente de enorme valor, mas também ao papel central que a Universidade teve, ao longo de séculos, na projeção da cultura e língua portuguesas, contribuindo assim para que Portugal se afirmasse como agente particularmente ativo na formação da história da humanidade. Este tipo de património imaterial acaba, de resto, por ser ainda mais valioso, na medida em que não se confina a um espaço geográfico determinado, mas antes leva as suas marcas a todo o universo onde a lusofonia mantém presença perene e atuante.

Numa instituição académica, esse património imaterial vai sendo construído, ao longo de séculos, pelo contributo continuado — e tantas vezes discreto ou mesmo esquecido — de toda a estrutura universitária, sendo que parte essencial do processo decorre da qualidade da pesquisa desenvolvida e da formação científica facultada nesse mesmo espaço de estudo e de reflexão. Os trabalhos produzidos pela Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, enquanto investigadora e docente, representam, precisamente, um desses paradigmas notáveis de qualidade e dedicação incondicional à ciência e à cultura — capazes por isso mesmo de construir a grandeza de uma instituição de referência dentro dos meios académicos mais exigentes.